

RIF Ensaio Fotográfico

DOI – 10.5212/RIF.v.24.i52.0012

Comunicação e resistência da Folia de Reis da cidade de Sorocaba/São Paulo

Thifani Postali¹

Carlos Carvalho Cavalheiro²

Submetido em: 07/07/2025

Aceito em: 14/10/2025

Eles chegam tocando
Sanfona e violão
O pandeiro de fitas
Carregam sempre na mão
(A Festa do Santo Reis, Tim Maia)

Este ensaio fotográfico apresenta a Folia de Reis realizada no dia nove de janeiro de 2025, na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo. O catolicismo popular, nascido provavelmente do distanciamento da presença de igrejas e sacerdotes nos rincões afastados nos primeiros tempos da nossa colonização, fez surgir rituais e práticas oriundas da miscigenação de tradições diversas, como as dos cultos à natureza (comumente chamadas de paganismo) da Europa, com cultos de ancestralidade e, também, das forças naturais entre pessoas africanas e indígenas nativas da América. Dentre as mais variadas devoções que se constituem em grupos como esse, estão as Falias de Reis que fazem referência aos personagens bíblicos citados no Evangelho de Mateus como Magos do Oriente. A falta de informações mais precisas sobre esses personagens deu margem à formação de um imaginário que, ao preencher as lacunas do texto bíblico, deu aos Magos o título de Reis, nomeou-os de Gaspar, Melchior e Baltazar; bem como os diferenciou por sua cor epidérmica, conforme apresentam Cavalheiro (2013), Vieira (1989) e Calafiori, Souza (1993).

A prática sociocultural consiste na saída de grupos que visitam casa em casa, ou sítio em

¹ Doutora em Multimeios pela Unicamp, Mestre em Comunicação e Cultura pela Uniso. Professora titula no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Correio eletrônico: thifanipostali@hotmail.com

² Doutorando em Comunicação e Cultura pelo PPGCC da UNISO. Bolsista CNPq pelo Observatório de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba. Correio eletrônico: carlosccavalheiro@gmail.com

sítio (se na zona rural) e “têm a sua razão de ser em louvar, através de cantigas e versos, o nascimento de Cristo e a adoração dos Reis Magos” (Vieira, 1989, p. 6). Desse modo, os grupos reproduzem a distância até encontrar o local onde nasceu Jesus. Em geral, os grupos se estruturam de maneira a ter certo número de participantes, o qual varia muito de localidade para localidade, distribuídos de acordo com suas funções. Cavalheiro (1999) destaca que, em Sorocaba, no interior paulista, possui um líder (chamado de Embaixador ou Mestre), um contramestre, um bandeiroiro, os Bastião (chamados em outros lugares de Mateus, Palhaços ou Marungos) e os cantadores e instrumentistas, divididos por instrumentos musicais e por vozes: tipe, contratipe, tala, contratala etc. Os foliões também fazem uso de vestimentas, adornos e acessórios que, para além de enfeitar a manifestação, podem ser compreendidos como objetos de comunicação popular, uma vez que carregam significados relacionados a religiosidade, como é o caso das fitas inseridas em instrumentos musicais. Em entrevista realizada com participantes de Folias de Reis praticadas em diferentes regiões do Brasil, constatou-se que há convergência e divergências nos significados, o que revela que a prática carrega as especificidades de cada localidade. Entretanto, alguns elementos se aproximam, como é o caso da fita azul que representa a Virgem Maria.

Observa-se, portanto, que cada elemento da Folia de Reis trata de comunicar significados que podem ser compreendidos a luz da folkcomunicação, teoria que se centra especificamente nas práticas e estratégias comunicacionais das classes populares a partir da mediação da cultura. De acordo com Beltrão (1980 p. 28), o que caracteriza os processos folkcomunicacionais é que “as mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez, conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa”. Nesse sentido, os elementos das Folias de Reis carregam significados específicos, e que são compreendidos, especialmente, pelos participantes das manifestações. No caso das fitas, os significados escapam, até mesmo, aos pesquisadores, o que caracteriza ainda mais os objetos como característicos da comunicação religiosa dos grupos populares envolvidos as práticas de folia.

O ensaio a seguir buscou destacar as pessoas que participam da Folia de Reis da cidade de Sorocaba, bem como os objetos que compõem a manifestação. Para tanto, acompanhamos a festa em dois momentos, sendo às 11h da manhã na apresentação do grupo na Praça Coronel Fernando Prestes, localizada no centro de Sorocaba, ocasião da desmontagem do presépio. Em

seguida, acompanhamos o cortejo dos foliões no bairro de Vila Formosa de Sorocaba, que dá nome ao grupo de foliões “Companhia de Reis da Vila Formosa”, das 14h às 19h. Pretende-se, com este ensaio, apresentar a Folia de Reis sorocabana como manifestação comunicacional e popular que resiste ao tempo.

Foto 01: Foliões realizam o seu “giro” no bairro de Vila Formosa. No trajeto, cantam e se confraternizam com membros do grupo e moradores locais. Afinal, a sua existência está intimamente ligada a questões que perpassam ao sentimento de comunidade. A Folia de Reis depende das pessoas da comunidade, assim como essas pessoas dependem da renovação do sentimento de ligação com o sagrado trazida pela presença das Foliás.



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 02: Em determinados trajetos, os foliões tocam, cantam e dançam. Nessa ocasião, os “Bastião” (palhaços) dançam vestidos com as suas máscaras características. De acordo com Marinho (2015, p. 201), "nas Foliás de Reis, é a máscara ou travestimento que tem a dupla função de ocultar e disfarçar os brincantes e de possibilitar, àqueles que as usam, uma descontração do comportamento ordinário / cotidiano. Oculto pela máscara, o indivíduo dilui-se na coletividade".



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 03: Foliona tocadora de viola. Na foto é possível observar os adornos que representam elementos religiosos do catolicismo popular. As fitas coloridas, por exemplo, que pendem do braço do violão e da viola, e também enfeitam os pandeiros, são consideradas como representações de santos católicos. Na Companhia de Santos Reis de Vila Formosa, as fitas azuis representam Nossa Senhora, as de cor de rosa representam os Doze Apóstolos, a branca, o Divino Espírito Santo. Nessa tradição, as fitas são em número de 12 (doze) e simbolizam a jornada dos Santos Reis (Cavalheiro, 2007).



Fonte: Thifani Postali, 2025

Foto 04: Netos de foliões representam a nova geração da manifestação popular. A esperança da manutenção da tradição – que tem, por etimologia, a ideia de trazer algo de um tempo para outro – se renova a cada criança ou jovem que se sente interessado em participar (e, assim, conhecer mais) desse saber ancestral. É desse modo que a Folia de Reis se renova a cada jornada (giro).



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 05: Na espera para que moradores do bairro de Vila Formosa abram suas portas, o grupo se confraterniza. Os foliões nem sempre são recebidos pelos moradores locais.



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 06: Durante horas e debaixo do sol de janeiro, a Companhia de Santos Reis da Vila Formosa caminha revivendo a trajetória dos Magos em busca do menino Jesus. A última parada do grupo, antes do corte das fitas, ocorreu em um bar local que abriga o presépio. O sagrado e o profano se mesclam de uma maneira que pode incomodar àqueles que conhecem o cristianismo apenas pelo que é ensinado nas Igrejas. Entretanto, de acordo com os Evangelhos, Jesus estava entre aqueles que eram do povo, e chegou a ser acusado de ser bebedor e amigo de pecadores. Por outro lado, as tradições pagãs também não dissociavam o sagrado do profano: tudo era celebração, a depender da intencionalidade do evento.



Fonte: Thifani Postali, 2025

Foto 07: Não há escolha de local para a prática de louvar o nascimento de Cristo e a veneração aos Reis Magos. Na foto, foliões posam na frente do bar que os recebeu em sua primeira parada. Os lugares percorridos - e onde a bandeira é aceita - podem parecer inusitados a princípio, como o bar (que na visão dualista do cristianismo, estaria ligado aos vícios e, portanto, à perdição). Mas, dentro de outra lógica, a da devoção aos Santos Reis, o sentimento do cristianismo primitivo é recuperado. Está no Evangelho de Mateus (11:19): "Veio o Filho do homem comendo e bebendo, e dizem: 'Aí está um comilão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores'".



Fonte: Thifani Postali, 2025

Foto 08: Folião sorridente: o tocador de pandeiro no interior do bar da Vila Formosa. Instrumento de gosto popular, de fácil fabricação e aprendizado, os pandeiros fazem parte de diversas manifestações populares no Brasil. É um instrumento que aparece nos relatos mais antigos sobre Folias de Reis. Melo Moraes Filho registrou, no século XIX, a festa de Reis na Bahia em que "mulheres e homens, meninos e meninas, batem, ao compasso da música, leves pandeiros, ou tocam, nas mãos entreabertas e suspensas, castanholas que atroam" (2002, p. 75).



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 09: O folião tocador de viola recebe água e faz uma pausa para descansar após tocar em uma casa. Verifica-se que o trajeto percorrido pelas Folias de Reis (giro ou jornada), se estabelece também pela relação entre o grupo de foliões e aqueles que os recebem. Disso se depreende que a tradição da religiosidade popular das folias promove uma devoção tal que estreita os laços comunitários, quase que, talvez possamos ousar em dizer, formando uma espécie de irmandade entre todos os participantes.



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 10: Os Bastião na chegada para o corte de fita – parte do ritual da Folia de Reis (Arcos da Chegada). Para muitas tradições de folias, esses personagens representam os espias de Herodes que perseguiram os Reis Magos para encontrar o local de nascimento de Jesus. Porém, se converteram ao longo do caminho. Para não serem reconhecidos, no seu retorno, usaram máscaras e realizavam acrobacias e micagens para distrair os soldados herodianos enquanto fugiam (Cavalheiro, 2007).



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 11: Chegada do grupo Companhia de Reis da Vila Formosa para o corte da fita. A rua da casa do festeiro (geralmente é a Rua Nelson Herdy Barbosa, na Vila Formosa) tem o seu trânsito interrompido (com a prévia anuência do Poder Público), e nela se enfeita um caminho com arcos de bambu e bandeirolas coloridas de papel. Nesse caminho há três estações simbolizadas por três “correntes” de papel crepom. No fim está montado o altar com imagens de Jesus Cristo, Nossa Senhora e outros santos, além dos Santos Reis, o que simboliza o caminho para Belém (Cavalheiro, 2007).



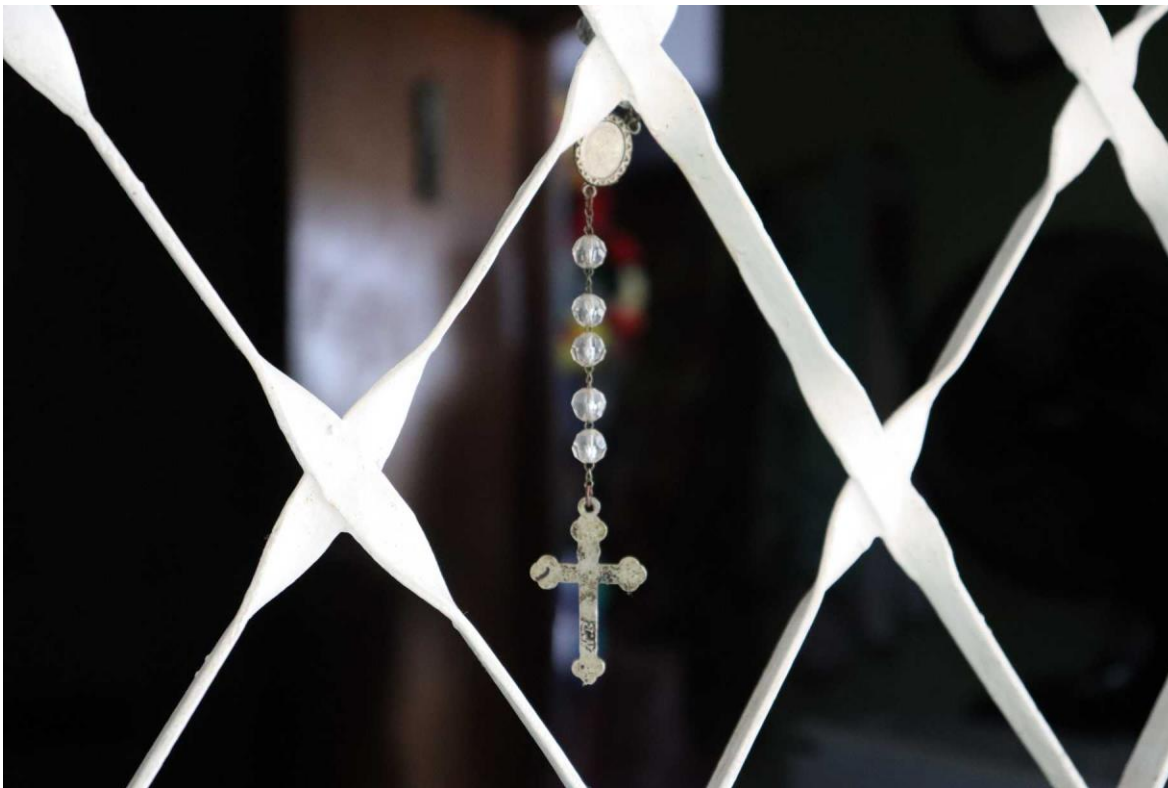
Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 11: Os “Bastião” (Palhaços) cortam a fita que simboliza as três estações do final do caminho, representando, ainda, os Três Reis Magos. O fim da jornada é o retorno ao seu local de origem. Esse fato carrega forte simbolismo que está presente em diversas mitologias antigas e que pressupõem a realização do ciclo completo. As Folias de Reis percorrem seu trajeto por dias, anunciando o nascimento de Cristo, mas, também, comunicando outras formas de religiosidade que ferem o monopólio das igrejas. O povo é livre para manifestar a sua relação com o sagrado e o retorno é o ponto alto. Quando se confirma o sucesso da jornada, o último desafio: transpor os três portais finais para a plena celebração representada pela refeição ofertada a toda comunidade.



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 12: O terço no interior de uma das casas que permitiu a entrada do grupo. Apesar de a folia se constituir em um grupo de devoção popular, devotos do catolicismo institucional a consideram como uma parte ou extensão de sua crença religiosa. Não existe conflito nesse sentido. Os elementos do catolicismo se fazem presentes em plena comunicação com elementos de outras tradições populares.



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 13: A amizade entre os foliões é destaque nos intervalos das manifestações. Algumas representam décadas de devoção e participação. A união entre as pessoas que participam é essencial para a plena realização do giro ou jornada da Folia de Reis.



Fonte: Thífani Postali, 2025

Foto 14: O tocador de viola se prepara para a nova atividade do dia: percorrer a Vila Formosa. Foi sua última participação como folião, já que, em poucos meses, partiu para uma nova jornada. Quem sabe tenha encontrado, finalmente, o menino Jesus. Nossa gratidão pelo compartilhamento e alegria! Seu nome de guerra dentro da Companhia era Zé Mineiro.



Fonte: Thífani Postali, 2025

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Editora Cortez, 1980.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

CAVALHEIRO, C. C. **Folclore em Sorocaba**. Sorocaba (SP): Prefeitura Municipal de Sorocaba, 1999.

CAVALHEIRO, C. C. **Nos passos da Folia de Reis**. Sorocaba (SP): Create, 2013.

CAVALHEIRO, C. C. **Folia de Reis em Sorocaba**. Sorocaba (SP): Teaser Design, 2007.

CALAFIORI, L. F., SOUZA, J. A. de. **Manual de Folia de Reis**. São Paulo: Editora Resenha, 1993.

MARINHO, Neide. **Folias de Reis – múltiplos territórios**. Curitiba: Appris, 2015.

MORAIS FILHO, M. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2002.

VIEIRA, S. M. **Folia de Reis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.